

Afinal, qual a relação entre a Era digital e os livros e a história no Secretariado?

Rosimeri Ferraz Sabino

Em época de intensos debates sobre a aplicação e repercussões da Inteligência Artificial (IA) na sociedade contemporânea, por que se falar em livros ou no passado? Simples: porque tudo que se tem em termos materiais e comportamentais na atualidade é fruto da ação de uma sociedade precededora. Ou seja, linguagem, comportamento e tecnologias anteriores serviram de base para o desenvolvimento das sociedades. Se hoje desfrutamos de aparatos tecnológicos para quase todas as nossas atividades pessoais e profissionais é porque, desde a década de 1940, inventores buscavam materializar dispositivos computacionais.

Mas o desenvolvimento tecnológico não ocorre desmembrado dos aspectos comportamentais e sociais que um novo contexto implica. Exemplo disso é a invenção da máquina de escrever, em 1872, por Christopher Latham Sholes. Esse equipamento, que trouxe para as empresas uma outra forma de produção das atividades administrativas, também gerou uma nova ocupação: as datilógrafas. O próprio inventor indicou o seu invento como um meio menos penoso para as “mulheres ganharem a vida”. Assim, graças à exibição pública da máquina de escrever, feito pela filha de Sholes, Lilian, a imagem de uma mulher junto à máquina de escrever foi cristalizada na sociedade.

Em desmembramento dessa atividade, surgiram escolas de datilografia em todo o mundo, voltadas exclusivamente para mulheres que aspiravam ao ofício de secretária-datilógrafa. Junto com os ensinamentos técnicos, as jovens secretárias recebiam lições de comportamento, etiqueta e escrita. Para o apoio pedagógico, livros foram escritos e utilizados na orientação dos saberes necessários para a nova carreira de secretária. Na medida em que as máquinas para os serviços administrativos evoluíram, o manejo delas passava a ser incorporado à preparação de secretárias.

O contingente de secretárias nas empresas consolidou a identidade de um ofício feminino na sociedade, ganhando referências na literatura de entretenimento. Os romances de folhetim traziam nos enredos, na linguagem e nas imagens a interpretação sobre o que os autores entendiam como realidade do Secretariado. O consumo desse gênero literário, intensificado no Brasil ao final da década de 1960, embora ficcional, difundia discursos que delimitavam a figura da secretária ao universo exclusivamente feminino, tendo a beleza e a sedução como elementos comuns às relações nos escritórios.

Entre os leitores dessa literatura constavam, na grande maioria, mulheres. Elas, que na origem do ofício secretarial, estiveram ligadas às tecnologias (como a máquina de escrever),

passaram a receber dos romances de folhetim os sentidos da feminilidade como inerente e primordial ao Secretariado. Embora esse aspecto pareça deslocado da atualidade, ele firmou implicações para o mercado de trabalho, onde quase a totalidade das oportunidades para o Secretariado destina-se, ainda, a mulheres.

Constata-se, assim, que embora estejamos vivendo em tempos da quarta revolução industrial, com a convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas, as condições do fazer secretarial se alteraram no âmbito técnico e tecnológico, mas sob a persistente “sombra” dos estereótipos sobre a mulher no mercado de trabalho. Eis, aqui, a relevância de se compreender que a automatização pode alterar a dinâmica social, mas não serão as máquinas as responsáveis pelas necessárias reflexões sobre o mundo social. Essa tarefa cabe a nós, considerando as experiências constituintes de nossa história e o que almejamos para os que nos sucederem.